



Eliane Cantanhêde

E-mail: eliane.cantanhede@estadao.com; Twitter: @ecantanhede

Os 3 maiores desafios de Lula

Jair Bolsonaro não foi culpado pelo início da pandemia de covid, mas sim pela forma criminoso como atuou a favor do vírus e contravidas. Luiz Inácio Lula da Silva não é culpado pelas duas primeiras fugas de uma penitenciária de segurança máxima, nem pela disparada da dengue, nem pela volta preocupante da covid, mas ele tem de liderar a reação do governo a tudo isso, para proteger a população e também para não ser acusado de descalço e fortalecer o discurso da oposição bolsonarista.

As fugas de dois criminosos de altíssima periculosidade são um tanto absurdas, inacreditá-

veis, sem nenhum resquício hollywoodiano, como já aconteceu e como paira sobre o imaginário popular. “Uma série de coincidências negativas”, definiu Ricardo Lewandowski na sua primeira entrevista como ministro da Justiça. Mas alicate? Furar teto? Alambrado? E holofotes não funcionavam, as câmeras estavam desligadas? Que segurança máxima é essa?

A dengue já registra um recorde histórico. No Brasil todo, já são em torno de 530 mil casos, 12 mil por dia, com 90 mortes confirmadas, fora as não registradas. No Distrito Federal, sede dos três Poderes, onde ficam Lula e seus minis-

tros, já são 70 mil casos, 1.616% a mais que no mesmo período de 2023, com 23 mortes. É uma epidemia, palavra muito pre-

Mais do que executores, o Brasil exige um líder na linha de frente contra violência, dengue e covid

sente no mundo e num país que acaba de perder mais de 700 mil cidadãos para a covid.

A dengue, aliás, ofusca a covid, que vai voltando, se infiltrando e ameaçando, o que foi fortemente potencializado pe-

las novas variantes e pelo carnaval, com suas aglomerações alegres e suadas, e vai ser um novo desafio agora, com a volta real das aulas. Desde o início do ano, a covid já matou 1.127 brasileiros. Você sabia? Pois é.

A dengue e a covid não são uma “gripezinha”, podem matar. A dengue é transmitida pelo mosquito Aedes Aegypti e tem menor letalidade (mata menos). A covid é transmitida pela pessoa contaminada, com porcentual de mortes bem maior. A grande diferença é a vacina, sempre em atualização para novas cepas da covid, mas que acaba de ser desenvolvida e aprovada para a dengue. O

efeito em massa demora.

Lewandowski troca a toga pelo dia a dia e a ministra da Saúde, Nísia Trindade, uma técnica às voltas com o maior orçamento da República e a gula do Centrão, faz o que pode contra a dengue e covid, mas o Brasil exige um líder, um presidente com todas as planilhas e possibilidades à mesa e que, mais do que se contrapor a Bolsonaro e enfrentar as versões bolsonaristas, assuma a linha de frente para cuidar da saúde, segurança e confiança da população. Além, óbvio, de salvar vidas. ●

COMENTARISTA DA RÁDIO EL DORADO, DA RÁDIO JORNAL (PE) E DO TELEJORNAL GLOBONWS EM PAUTA

SEG. Carlos Pereira e Diogo Schelp (quincenalmente) ● TER. Eliane Cantanhêde ● QUA. Vera Rosa e Marcelo Godoy (quincenalmente) ● QUI. William Waack ● SEX. Eliane Cantanhêde ● DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

A ‘Hora da Verdade’ da PF confronta a honra militar do Exército

ANÁLISE

FRANCISCO LEALI

General quatro estrelas tirado da cama cedo pela Polícia Federal é tudo o que o Exército não precisava. A Força, que teve parte de sua cúpula ocupando os principais postos da gestão de Jair Bolsonaro, acordou na semana retrasada sendo obrigada a sentir o gosto amargo de ter aderido ao capitão que um dia fora considerado indigno de vestir a farda.

A memória fez apagar o que, em 2021, o repórter Rubens Valente resgatou por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI) no acervo do Exército. Deve-se ao jornalista a publicidade do “Noticiário do Exército” divulgado em 25 de fevereiro de 1988 e que trazia o título “A verdade: um símbolo da honra militar”.

O que está estampado na capa da publicação editada pelo Centro de Comunicação do então Ministério do Exército é ilusão de como a cartilha castrense preza a verdade e a hierarquia. Dito de outra forma, mentira e insubordinação são inadmissíveis na caserna. Se um subordinado mente, não

pode estar ao lado dos seus. Numa guerra, como confiar a própria vida ao colega que não honra a palavra que dá? O ensinamento é levado às academias militares.

O episódio da década de 1980, para quem não se lembra, envolve o capitão Bolsonaro e um colega. Os dois deram entrevista à revista *Veja* e noticiou-se a ideia de um plano de explosão de uma bomba para causar tumulto. Bolsonaro era aquele que ousara reclamar publicamente dos baixos salários ainda como militar. No mundo sem internet e redes sociais, falar à imprensa sem autorização do superior era conduta vedada nas Forças Armadas.

Um processo disciplinar foi aberto e Bolsonaro, condenado. Chamado a se explicar, mentiu para o comandante. E isso ficou registrado no texto do Noticiário do Exército para que toda a tropa soubesse que o comando estava naquele momento expulsando da Força o mentiroso. O mesmo que anos mais tarde subiria palanque usando texto bíblico falando da verdade que liberta.

O texto começa assim: “O cadete – futuro oficial do Exército –, ao ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras, recebe uma miniatura da espada de Caxias, declarando solene-

mente: ‘Recebo o sabre de Caxias como o próprio símbolo da honra militar’. Dentro dessa máxima é formado o oficial do Exército brasileiro”. O editorial destaca o culto a valores como honestidade, lealdade e amor à verdade. Na época, uma investigação concluiu que Bolsonaro e seu colega mentiram ao seu comandante. “Conscientemente (*Bolsonaro e seu colega*) faltaram com a verdade e macularam a dignidade militar”, diz o texto do Centro de Comunicação do Exército.

SUPREMO. Depois disso, o caso subiu ao Supremo Tribunal Militar (STM) e o capitão safou-se, apesar de laudos no processo atribuírem a ele autoria de croquis de bombas, como revelou mais tarde o jornalista Luiz Maklouf Carvalho no *Estado* e em livro. Inocentado, ganhou de volta o direito de ser chamado de militar ainda que a decisão judicial tenha sido na contramão do que defendera o Ministério do Exército de então.

O salvo-conduto do STM deu a Bolsonaro alibi para voltar a ser recebido nos quartéis. Mas demorou um pouco até que a porta da frente lhe fosse aberta. Por anos, o capitão era



Jair Bolsonaro em 1988, quando era candidato a vereador no Rio

Fernando Henrique Cardoso arrochava as contas. O mesmo fora ao plenário defender a morte do então presidente, mas, por conta da imunidade parlamentar e irrelevância política na época, não foi punido.

CAFÉ. Com Lula preso e o PT enlameado por denúncias de corrupção, Bolsonaro surfou direto para o Planalto. No fim daquele 2018, num café organizado no comando da Força, um general e três coronéis chamaram alguns jornalistas para conversar. Entre biscoitinhos e café adoçado a gosto, queriam meditar onde a imprensa vinculava Bolsonaro, recém-eleito, às Forças Armadas.

Ao ouvir de um dos convidados que os militares no governo Bolsonaro se equipariam

ao PFL dono da cadeira de vice de Fernando Henrique, levantando ónus e bônus da gestão tucana, o general se irritou. Questionou como as Forças Armadas podiam ser comparadas com partidos políticos.

O agastamento do general, que seguiria para atuar na Presidência da República na gestão Bolsonaro, traduzia a sensação compartilhada por parte dos militares de que têm uma missão de resguardar o País acima de tudo e, quem sabe, acima de todos. Ali estava o germe da vontade de poder voltar a mandar nos civis, ainda que sob as ordens de um comandante em chefe que não tinha passado do posto de capitão.

HONRA MILITAR. As Forças são instituições de Estado e, teoricamente, não deveriam se inclinar na direção de legendas partidárias. A verdade que lecionamos aos cadetes segue sendo o alicerce da formação da tropa. Em 1988, a mensagem já era clara: “O Exército tem, tradicionalmente, utilizado todos os meios legais para extirpar de suas fileiras aqueles que, deliberada e comprovadamente, desmerecem a honra militar. A verdade é um símbolo da honra militar”.

A operação da Polícia Federal do último dia 8 pode ser, para boa parte dos que viam Bolsonaro como Messias, perseguição política engendrada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Mas há quem considere lamentável para a imagem das Forças Armadas o fato de que ex-comandantes e oficiais-generais tenham recebido visita da PF por terem, de fato, flertado com um golpe sob inspiração daquele que um dia foi chamado de indigno pelo Exército. ●

COORDENADOR NA SUCCURSAL DO ‘ESTADÃO’ EM BRASÍLIA

pressreader